



BOLETIM
DO
ARQUIVO
HISTÓRICO DE
JOINVILLE

Vol. XVII, n. 24,
abril, maio, junho, 2023.
ISSN 14133434



Sumário

Editorial – Novos olhares sobre a cidade – por Giane Maria de Souza 2

Arquivo Histórico: Algumas Histórias – Transpor os muros da escola e ensinar a disciplina de História com rap – Entrevista com MC A2 por Giane Maria de Souza 4

Educação Patrimonial – Atendimentos educativos 25

Teses e Dissertações de Pesquisadores do AHJ – Narrativas sobre a pesca artesanal na ilha do Morro do Amaral, Joinville, SC - por Fábio Moreira 44

Os artistas e a Cidade - Poesia de Guilherme Heinzemann Benta 46

Atendimentos no AHJ 47

Memória do Boletim – Empossado o grupo técnico-científico do Arquivo Histórico de Joinville (1995) 48

Por dentro do acervo 49

Aconteceu em Joinville 50

Expediente 51

Novos olhares sobre a cidade

Giane Maria de Souza [1]

Apresenta-se a edição de número 24 do Boletim do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ), correspondente aos meses de abril, maio e junho de 2023. O segundo trimestre do ano foi muito intenso, o atendimento educativo teve uma alta potencial, imprimindo novos olhares sobre a cidade. Nesse sentido, é necessário repensarmos as ações educativas e também o alcance do AHJ e do seu acervo para alicerçar metodologicamente os professores do ensino médio e das séries iniciais. Existe uma proximidade do AHJ com os professores e estudantes de ensino superior, por isso, precisamos refazer determinados caminhos para dinamizar o acesso à informação e ao acervo documental. Na seção **Arquivo Histórico: Algumas Histórias** apresentamos uma entrevista realizada com o pesquisador do AHJ, professor de História e rapper, o MC A2 Augusto Pereira Hille. Esta entrevista contribui para retroalimentar as novas dinâmicas do ensino de História, sobretudo, valorizar os professores engajados em movimentos sociais e culturais que adentram em outras linguagens, difundindo o conhecimento para além dos muros escolares.

Na seção **Educação Patrimonial**, o Boletim apresenta um compêndio de imagens sobre os atendimentos educativos no AHJ. Em **Teses e dissertações de pesquisadores do AHJ**, o resumo do trabalho do pesquisador Fábio Moreira, sobre a Ilha do Morro do Amaral em Joinville, traz um importante olhar sobre os ofícios e a questão de gênero naquela comunidade. Na seção **Os artistas e o AHJ**, Guilherme Heinzemann Benta nos brinda com uma poesia. Porque arquivos podem ser poéticos e muitas vezes angustiantes. Em **Atendimentos no AHJ** apresenta-se algumas estatísticas dos visitantes e pesquisadores. Na seção **Memória do Boletim**, uma imagem de uma reportagem no Boletim do AHJ de 1995 anuncia a composição de um grupo técnico científico para reorganizar administrativamente e arquivisticamente o AHJ. Na seção **Por dentro do Acervo** publica-se uma imagem do Álbum do Centenário de Joinville e Por fim, Aconteceu na cidade, uma matéria de jornal anunciando o fechamento da Sorveteria Polar. O Boletim está repleto de matérias instigadoras para serem lidas e debatidas dentro e fora da sala de aula. Bom proveito.

[1] Doutora em História pela UFSC, especialista cultural e educadora no AHJ

Arquivo Histórico de Joinville – Algumas Histórias

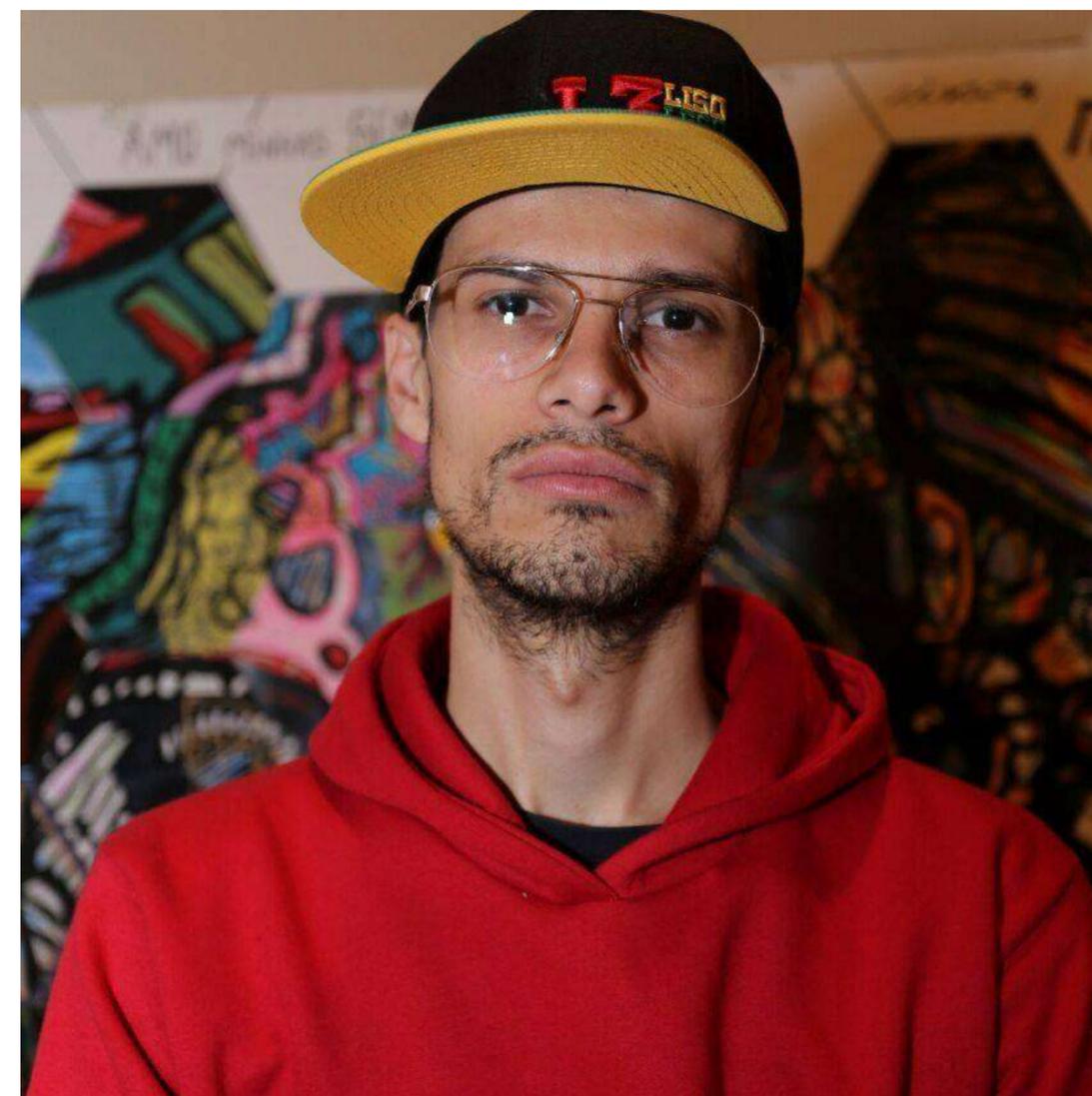
Transpor os muros da escola e ensinar a disciplina de História com rap

O Boletim do AHJ apresenta a trajetória do professor de História que resolveu usar a força da sua música para transformar o processo da aprendizagem.

O pesquisador do Arquivo Histórico e professor de História Antônio Augusto Pereira Hille, 36 anos, é conhecido como MC A2. Leciona no Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) pelo SESI e no Colégio Oficina. Pai de uma “menina linda de 11 anos”, A2 relatou para o Boletim do AHJ como os ofícios de MC e de professor se mesclaram na mesma pegada e batida do rap. Para problematizar temas históricos em sala de aula, ele oferece um novo olhar sobre o movimento de apreensão crítica do conhecimento e de criação artística. MC A2 articulou muitas parcerias com os alunos, familiares e coletivos como o Rap Mente Blindada e Ramal 047, além de integrar o Grupo de Trabalho (GT) de Santa Catarina, referente às comemorações do cinquentenário mundial do Hip Hop.

Para o Boletim do AHJ, MC A2 concedeu uma entrevista para a doutora em História Giane Maria de Souza.

Figura 1 - Augusto Pereira Hille, A2



Fonte: acervo privado

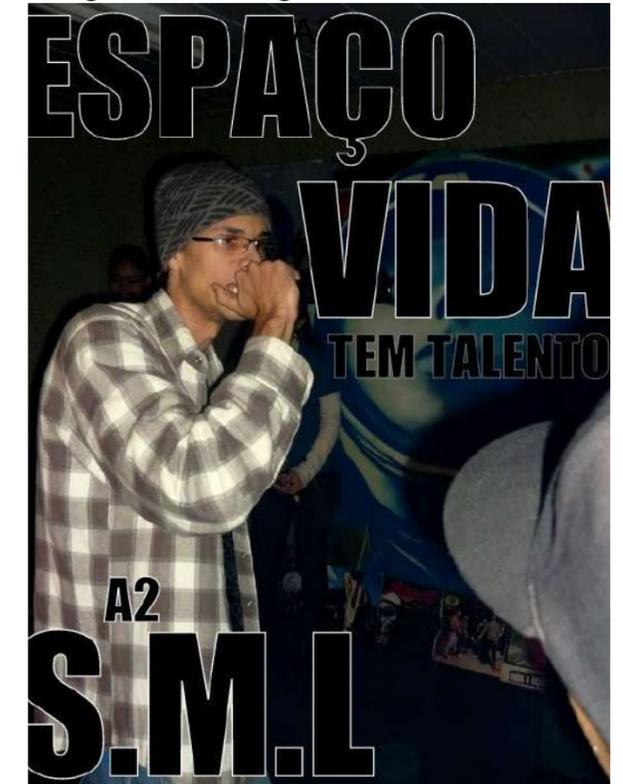
Giane Maria de Souza: Você é um professor de História e um MC. Em qual momento da sua trajetória pessoal esses dois ofícios se despertaram?

A2: Na verdade, sou MC bem antes de ser professor. Comecei minha trajetória no movimento hip-hop quando eu tinha mais ou menos 9 anos de idade, sob influência de meu primo Hallan, que me apresentou Sabotage, MV Bill, RZO, Racionais MC's, entre outros grupos de peso no rap nacional. Entretanto foi mais ou menos no ano de 1999 que entrei de cabeça na cultura Hip Hop, pois eu morava no Conjunto Dom Gregório Warmeling (que naquele período era recente e possuía uma série de problemas sociais), onde abriu a primeira escola de Hip Hop de Joinville. Desde então aprendi sobre os quatro elementos da cultura: grafite, break, DJ e MC. No decorrer de minha adolescência passei a frequentar eventos de rap pela cidade. Nesse processo conheci muitos manos e minas de valor. Busquei me engajar de várias formas, por exemplo, tentei produzir um site de rap joinvilense quando ainda nem tinha PC, dancei break, fiz, juntamente com meu parceiro SPY, um programa de rádio pirata (que durou somente um mês), quando estava no ensino médio fundei com alguns amigos a Banca Sml.

Contudo, aos meus 17 anos, eu me converti dentro de uma igreja batista e passei a cantar rap gospel, mas sempre envolvido nos eventos tanto nas igrejas quanto fora delas (casas de shows, clínicas de recuperação e praças), uma vez que nesse período, de certa forma, nosso maior trabalho era descriminalizar a cultura.

A relação do rap com a educação aconteceu na verdade já desde a 7.^a série, pois sempre que tinha oportunidade usava de músicas de rap, como Sabotage, Racionais, Facção Central e MV Bill, para os trabalhos escolares e sempre dava certo! Entretanto foi no processo da faculdade de História que comecei a pensar sobre a possibilidade de criar raps focados nos conteúdos escolares. Então comecei a estruturar o #históriaemrap, o qual apliquei no meu estágio. Na minha apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), meu parceiro André tocou violão enquanto eu cantava rap. Por sorte os professores gostaram e aceitaram a quebra de protocolos. Após, levei o projeto para a prática docente.

Figura 2 - Augusto Pereira Hille,



Fonte: acervo privado

Giane Maria de Souza: Você está formado há quanto tempo? Há quanto tempo você leciona e em quais escolas atualmente?

A2: Concluí o curso de História pela Universidade da Região de Joinville (Univille) em 2013. Em 2019 finalizei a pós-graduação em Ensino Integrado de Filosofia, Geografia, História e Sociologia pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Sou professor há 8 anos. Desde 2014 leciono no Colégio Oficina Joinville, nas turmas de Ensino Fundamental II (História) e no Ensino Médio (Sociologia e Filosofia). Também estou trabalhando com turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Sesi desde 2019. No Sesi atendemos os trabalhadores da indústria e as redes municipais de Joinville, Araquari e Garuva.

Ressalto que trabalhar nessas escolas ao mesmo tempo é desafiador, pois durante o dia estou com crianças e adolescentes (entre 10 e 18 anos) que possuem boas condições sociais e econômicas, enquanto na EJA as realidades são extremamente diferentes, visto que tais estudantes são jovens e adultos das mais diferentes idades e em sua maioria trabalhadores da indústria.

Figuras 3 e 4 - Augusto Pereira Hille, A2



Fonte: acervo privado



Giane Maria: Como é a sua atividade de MC? Em quais coletivos e grupos você atua na cultura Hip Hop em Joinville?

A2: Como disse anteriormente, com a Banca SmL passei a cantar rap, isso desde o ano de 2005. A melhor formação que tivemos na Banca foi: eu (A2), o MC Japa (que atualmente está no Japão), a Mayra no backing, minha esposa (Luanda) e o MC Magoo, que faleceu em 2019 em decorrência de doença degenerativa que desde 2009 estava impedindo nosso amigo de cantar. Nossas melhores músicas foram escritas juntamente com o Magoo.

Na Banca SmL cantamos em eventos principalmente de Joinville e Jaraguá do Sul, além de participarmos de algumas batalhas de MCs. Nosso foco sempre foi uma mensagem social, política e principalmente o evangelho.

Mais ou menos no ano de 2011 entrei no projeto Restaura Vidas, idealizado pelo mano Fat, juntamente com vários grupos de rap da cidade, como Contexto Sagrado, Esquadrão JP, Cetro de Ferro, Artilharia Bíblica, DNS, ADR etc. Nesse projeto trabalhamos com uma mensagem que buscava mostrar para a sociedade questões relacionadas ao crime e ao uso de drogas.

Neste ano de 2023 fui eleito como um dos representantes de Santa Catarina, no movimento de Construção Nacional do cinquentenário do Hip Hop. Este movimento visa à construção e a luta por políticas públicas e eventos voltados ao Hip Hop, bem como às pautas pertinentes à nossa cultura periférica. Nesse processo, cada estado brasileiro elegeu representantes, formando GTs estaduais. Mesmo com pouco tempo, desde o primeiro semestre já conseguimos diversas conquistas, por exemplo, cada estado brasileiro elaborou um inventário sobre a história do Hip Hop, este inventário foi entregue na sede do IPHAN em Brasília, em julho deste ano e visa contribuir para que nossa cultura seja reconhecida como patrimônio imaterial brasileiro. Além disso, recentemente conseguimos contribuir na formação de uma frente parlamentar pelo Hip Hop, e estamos na espera da aprovação de um decreto de lei presidencial que visa o fomento da cultura Hip Hop, bem como a profissionalização e o reconhecimento dos hip hoppers brasileiros.

Figura 5 - Augusto Pereira Hille, A2



Fonte: Grupo de Trabalho Nacional do Hip Hop

Enquanto ações sociais, fizemos vários eventos de rap, mas nosso foco era, sobretudo, o acolhimento e encaminhamento de dependentes químicos para clínicas de recuperação, bem como a distribuição de algumas cestas básicas para famílias carentes. Em 2012 lançamos a coletânea do projeto (CD físico). Permaneci no projeto até mais ou menos 2014.

Em 2015 participei do projeto EVG Rap, com mano Fat, Leandro e Amauri, em que fizemos por alguns meses o programa EVG Rap em uma rádio online. No ano seguinte, ainda com esse projeto, gravamos o DVD EVG Rap (físico e digital), no qual somamos outros grupos de rap, como Cetro de Ferro, Tiago Salmista Consciência Suprema, Artilharia Bíblica, Duda Mivegui, Vários Parsas, Tiago de Borba e Thiago.

Em relação às batalhas de rap, não me considero um MC de batalha, mas sim MC de mensagem, porém sempre que possível participo das batalhas só para curtir mesmo, embora sempre cuidando com tudo que falo no improviso, ainda mais sendo pai e professor. Em minhas rimas preciso me policiar, pois as crianças se inspiram e a tiração de sarro é algo natural das batalhas, mas imagina eu dizer que esse mano ou mina é isso ou aquilo e na sala de aula falar que não podem fazer bullying.

Nesse contexto, a rapaziada quer ver sempre “sangue” nas batalhas, e por não zoar o outro é muito difícil... As batalhas em que me destaquei foram: Batalha do conhecimento - Elo Racional - campeão (2016); Hip Hop Festival - vice (2018); Batalha Evento Canela - campeão; fiquei duas vezes em segundo lugar na Batalha do Paraíso - de duplas e da Velha Escola; em janeiro de 2020 fui campeão juntamente com MC Malcon na batalha de duplas da CDR.

Também sou muito grato ao MC Malcon, do Quinto Elemento, porque me convidou, em 2018, para que eu participasse com ele, mano Israel e Vinni Blake das gravações do filme Uma Carta para Ferdinand, produzido pela Ocotea Filmes.

A última coletânea da qual participei foi da banca Mente Blindada, lançada em 2019 (CD físico). Essa banca está funcionando no momento e reúne vários grupos de Joinville e de outras cidades de Santa Catarina, promovendo alguns eventos de rap e ações sociais. Alguns dos grupos de rap e MCs dessa banca são: Piassava, Saulo MC, Referência Verbal, ADR, Gois, Nariga Voz e Visão, Esquadrão JP, Atitude ZO, Dheik, entre outros.

Destaco também que nessa trajetória, além de ajudar na produção e idealização de alguns eventos em geral, seja com a Banca SmL (até 2014), ou então somente eu, cantamos em diversas igrejas e clínicas de recuperação, além de eventos como Ramal 047, Colmeia Hip Hop (Blumenau), EVG Rap (Joinville e Rio Negrinho), Rap Missão (São José), Encontros de Rappers (Jaraguá do Sul), Mente Blindada, projeto H2S etc.

Já em relação ao projeto #históriaemrap, quando comecei a lecionar percebi a necessidade de gravar as músicas que produzia com as temáticas de sala de aula, para que os alunos pudessem estudar em casa e também visando alcançar professores de outras escolas. Portanto, a partir de 2016 consegui produzir algumas músicas em estúdio e comecei a postar na plataforma soundcloud.com. O resultado foi muito produtivo, pois as crianças se envolveram mesmo e principalmente muitos estudantes do EFII de fato decoram as letras inteiras. Entretanto, ao fazer minha pós-graduação, ficou claro que apenas o áudio das músicas estava com pouco alcance, embora eu já tivesse tido retorno de professores de outras cidades de Santa Catarina e de estados como Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais, que estavam utilizando os raps de história com suas turmas.

Desde então comecei a estruturar as ideias de videocliques para um canal do YouTube, mas sabe como é, apesar de cantar rap, sou professor de História e exigir que o professor consiga fazer tudo isso tendo sempre no mínimo duas escolas, além de todo custo de tempo e dinheiro... é difícil demais. No segundo semestre de 2019 gravamos os primeiros cliques do projeto #históriaemrap, que foram lançados em um novo projeto educacional, o canal HusmanosTV, no YouTube, e em 2020, por causa da pandemia, acabei acelerando um pouco mais esse processo.

Figura 6 - Augusto Pereira Hille, A2



Fonte: acervo privado

Giane Maria de Souza: Quais os desafios de ser um professor de História na atual conjuntura? Além do rap, quais são as suas estratégias para a problematização da disciplina de História pelos alunos?

A2: Primeiramente, trabalhar com a educação é um desafio gigante, em virtude dos problemas inerentes à área educacional, além de outros fatores, como desvalorização profissional, escolas sem as mínimas condições estruturais, falta de materiais, entre tantas questões que poderíamos citar. Como se tais fatores não fossem suficientes, quando vamos para sala de aula descobrimos que cada turma, cada aluno tem suas especificidades e nem sempre aquilo que planejamos e nos preparamos para aplicar dá certo; cada nova aula é um novo desafio e, mesmo nas escolas particulares, com toda estrutura, encontro uma série de dificuldades, além da carência afetiva enorme das crianças, visto que muitas vezes nós, professores, passamos mais tempo com elas do que seus próprios pais.

Em relação ao rap, o mais difícil de tudo é conciliar as duas propostas, até porque atualmente a Banca SmL não existe mais, no fundo sou somente eu, A2 MC. É engraçado que a própria rapaziada do rap já está me identificando como professor. Porém já faz uns 5 anos que pisei um pouco no freio em relação ao rap (ao SmL), pois estou focando em meus projetos educacionais.

Quando pensamos as problematizações da disciplina de História, bem como as Ciências Humanas, deparamos com uma série de questões próprias da disciplina, mas eu busco trabalhar com uma “história vista de baixo”, com a parte mais humanista possível dessa ciência, com a desconstrução de certos mitos e heróis, visando dar uma perspectiva daqueles que foram excluídos das narrativas oficiais. A História, assim como a Sociologia, Filosofia e Geografia, possui um dever científico de tirar as pessoas de suas bolhas, de denunciar as injustiças, de evidenciar narrativas, de fazer críticas sérias à sociedade, de apontar possíveis causas, de construir as narrativas de memória, de municiar de conhecimento para luta, de nos levar a questionar as instituições, e tudo isso é muito perigoso para aqueles que desejam manter as injustiças.

No tocante à pandemia, apesar de todo aprendizado, estes dois últimos anos têm sido extremamente desgastantes, todos aqueles que estão envolvidos com a educação sentiram muito, porque foram adaptações extremas, solidão, afastamento dos alunos, trabalhos burocráticos que se multiplicavam, tivemos de aprender a mexer em inúmeras ferramentas digitais. Eu pensei em desistir várias e várias vezes. No meu caso, por exemplo, em 2020, por ter alguns conhecimentos de ferramentas digitais, ao mesmo tempo em que atendia alunos, pais também orientava outros professores.

Eu passava o fim de semana e as madrugadas preparando aula e durante o dia dava em média de 7 a 10 aulas ao vivo com as turmas de EFII e EM, e eram raros os alunos que nos respondiam e abriam suas câmeras. Durante a noite aplicava mais 5 aulas via WhatsApp para os trabalhadores da indústria. Pense o quão cansativo e deprimente era ficar falando todo “animado” focado nos conteúdos, ajudando a minha filhota em casa que estava estudando também, e receber de retorno dos alunos muitas vezes apenas um emoji no zap ou pergunta no chat. Em geral, era somente na terça-feira ou quarta-feira em que eu tinha duas ou três turmas do EFII que eram mais solidárias e que pelo menos se apresentavam e interagiam conosco por vídeo, pois a maioria só falava pelo chat e de vez em quando por áudio. Eu ficava indignado comigo, uma vez que precisava dar conta das atividades de professor e nem sempre conseguia atender minha filha... era uma loucura só. Eu estava ensinando História no 9.º ano ou Sociologia no 3.º do EM ao mesmo tempo em que estava vendo conteúdos de várias disciplinas do 3.º ano do EFI para auxiliar minha filha. No início eu brigava com ela para não aparecer na câmera para minha turma, mas depois eu percebi que ela sofria com isso e larguei mão, pedia licença para minhas turmas, deixava atividades ou algo do tipo e auxiliava minha filha; muitas vezes ela participava e assistia às minhas aulas, pois no geral eu fazia tudo ao mesmo tempo, assim como outros pais e professores.

Em contrapartida, muitos que falavam tão mal da escola e de nosso trabalho perceberam a importância e o valor dos profissionais da educação.

Ressalto também que, apesar de parecer estranho dizer, muitos pais e cuidadores assistiam às minhas aulas e jamais nos repreenderam, pelo contrário, recebi muitos elogios. Isso aliviou meu coração, uma vez que de certa forma essas famílias desconstruíram certos estereótipos criados sobre a figura do professor de História.

Eu fiz minha pós-graduação porque notei as alterações que estavam se iniciando no EM (reforma), pois já em 2016 e 2017 eu percebi um ataque direto a essas ciências, bem como uma desvalorização ainda maior delas. É fato que nós, profissionais da educação e das mais diversas áreas de pesquisa científica, temos visto, pelo menos nos últimos 7 anos, um aumento nos ataques morais, nos cortes financeiros e até mesmo na perseguição política e profissional a profissionais como professores e pesquisadores. Boa parte da sociedade foi inflamada com fake news, pintaram os educadores como destruidores da família e dos valores sociais, tentaram nos censurar, vieram com discursos de levar as crianças para serem educadas apenas em casa etc.

Como exemplo de situações desse tipo cito algumas que vivi: mais ou menos em 2017 um grupo político (ao prefiro não dar Ibope) publicou algumas fake news nas redes sociais sobre a instituição (uma das mais tradicionais da cidade) em que eu lecionava alegando que os professores de História e Filosofia estavam doutrinando as crianças e deturpando os valores das famílias e da religião. Isso era completamente descabido, pois diziam até mesmo que o Projeto Político-pedagógico (PPP) da escola (cristã tradicional) era pautado em princípios comunistas, e obviamente isso nos atingiu. A escola, no entanto, foi extremamente coerente e ética conosco, ela sabia de seus valores e confiava na pluralidade de nosso trabalho e respondeu a esse grupo por intermédio do setor jurídico.

A segunda situação foi durante uma aula quando um aluno me pegou de surpresa pelo pescoço (com um mata leão) ao mesmo tempo em que fazia sinal com uma das mãos imitando uma arma em minha cabeça, após isso começou a imitar certo candidato fascista e “brincar” dizendo que eu era um comunista... No momento fui frio e “leve” na brincadeira, o repreendi com muita calma, já que eu conhecia o menino desde seus 11 anos (na época ele estava com seus 15 anos) e sabia de seu caráter.

Eu poderia relatar várias situações, mas levaria muito tempo, entretanto o mais difícil em tudo isso é manter a paciência, ter sabedoria, compreender que a grande maioria de meus alunos são crianças e jovens que precisam de orientação. Sendo professor de História atuo como contraponto em vários momentos, então necessito o tempo todo ser coerente com o que ensino, canto e com aquilo que vivo. Busco sempre colocar todo meu coração naquilo que faço, lembrando Paulo Freire, ao dizer que educar é um ato de amor. Portanto, mantenho o rigor com os métodos da História e das Ciências Humanas, o domínio com os conteúdos, a postura ética com o ensino e, como diria Peter Burke, “a função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer”.

Figura 7 - Augusto Pereira Hille, A2



Fonte: Acervo privado

Giane Maria de Souza: A ideia de usar o rap com os conteúdos trabalhados em sala de aula surgiu em que momento?

A2: Como disse anteriormente, foi um processo “natural”, pois antes de me tornar professor já fazia parte da cultura Hip Hop e cantava rap. Porém meu grande incentivo foi quando de fato essas músicas deram o retorno na sala de aula, fizeram com que os estudantes se divertissem ao aprender ao mesmo tempo em que conseguiram abordar as críticas necessárias. Estudantes de todas as idades conseguiram memorizar os temas ao mesmo tempo em que outros educadores começaram a usar meus materiais para suas aulas.

Figura 8 - Augusto Pereira Hille, A2



Fonte: acervo privado

Giane Maria de Souza: Como podemos conceituar a cultura Hip Hop e como podemos incluir esse campo cultural nas políticas culturais no Brasil?

A2: Existe uma grande confusão entre os conceitos de rap e Hip Hop, porque muitas pessoas dizem: “Ah, Hip Hop é mais festa, dançante, é tipo dos EUA, já rap é mais parágrafo, é a música que fala de crime, drogas...”. Na verdade, quando se fala de Hip Hop, estamos falando da cultura urbana que engloba os quatro elementos: o breakdance, o grafite, o DJ e o MC. Nesse sentido, rap é a união dos elementos MC e DJ, ou melhor dizendo, é a voz do Hip Hop, a música. Rap, traduzido para o português, significa ritmo e poesia; trata-se de uma forma de declarar uma poesia “marginal” de uma maneira mais ritmada. Além disso, o rap é eclético, pois fala de festa, de amor, de separação, drogas, crime, política, religião, ou seja, é um estilo musical que tem a capacidade de analisar, ou melhor, musicalizar qualquer assunto.

"Um primeiro ponto para incluir o rap e o Hip Hop nas políticas culturais brasileiras foi o seu processo de descriminalização, tendo em vista que, assim como um dia foi o samba e hoje ainda é o funk, o rap já foi tratado como uma não música ou som de bandido. Felizmente, graças à luta iniciada no metrô São Bento (em São Paulo) e aos vários grupos dos anos 1980, 90 e início dos anos 2000, hoje o rap já toca nas rádios, está nas plataformas digitais, TV, revistas etc. Embora ainda existam preconceitos, em geral boa parcela da sociedade já compreendeu a força que o Hip Hop tem como movimento de cultura, lazer, informação e diálogo com os jovens.

Entre a primeira e segunda década do século XXI, especialmente nos governos de esquerda, ocorreu um diálogo maior das autoridades com a cultura, e os grafites se espalharam pelos comércios e ruas das cidades, o rap chegou à grande mídia e algumas verbas públicas chegaram ao movimento. Porém tal alcance ainda é pequeno, pois as periferias e os rappers carecem de estrutura e informações, existe desinteresse por parte de vários agentes do poder público e o movimento Hip Hop, sendo naturalmente contra o sistema, acaba evitando certas aproximações com medo de que os partidos possam querer nos corromper ou nos usar como palanque político.

"O que falta são mais verbas públicas direcionadas ao movimento, além de formas de levar aos representantes do Hip Hop essas informações para que possamos propor nossos projetos, afinal o Hip Hop, por englobar música, dança e pintura, possui uma fórmula perfeita para socializar, resgatar, educar, divertir os jovens, além de ser um movimento sério de denúncia contra o sistema.

Figura 9 - Augusto Pereira Hille, A2



Fonte: acervo privado

Giane Maria de Souza: Joinville é uma cidade que acolhe e respeita os agentes culturais que desenvolvem a cultura Hip Hop? Qual o apoio concedido pelo poder público para essa modalidade?

A2: Isso depende muito do cenário político. O Hip Hop já teve mais espaço nas políticas públicas de Joinville, inclusive dentro do próprio Simdec; eventos e projetos como Encontro das Ruas, H2S, Casa do Hip Hop, entre outros dos quais não recordo, já conseguiram ter acesso a verbas públicas direcionadas ao setor da cultura. Entretanto no atual governo temos visto grande desinteresse. Por exemplo, no ano passado um evento beneficente que o Mente Blindada estava promovendo, com apresentações de rap, arrecadação e distribuição de cestas básicas para famílias carentes, seria realizado em uma praça do Adhemar Garcia. Todavia nosso evento foi barrado por questões burocráticas que exigiam um laudo técnico feito por empresa especializada sobre a acústica da praça, e isso nunca tinha sido solicitado. Como não tínhamos dinheiro nem tempo para isso, o evento foi cancelado, mas as cestas básicas foram devidamente distribuídas. O que fica claro é que foi uma forma de boicotar nosso evento. "Outro ponto que gostaria de ressaltar é que governantes e órgãos competentes devem nos orientar melhor em relação às formas de acesso e uso das verbas culturais de Simdec, Aldir Blanc etc.

Digo isso porque a maioria dos membros da cultura Hip Hop possui no máximo o EM, e mesmo aqueles que acessaram a universidade ou que possuem boa instrução, quando falamos de dinheiro público entram editais, burocracia e uma série de fatores que dificultam o acesso ou o nosso entendimento de que conseguir esse dinheiro é possível. Já ouvi várias vezes que sempre as mesmas pessoas ganham. O que acontece é que grande parte dos membros da cultura Hip Hop não tem noção de como acessar tais editais.

Como experiência pessoal posso falar que, mais ou menos em 2013, lançamos um projeto para o Simdec no intuito de levar oficinas de Hip Hop para vários bairros da cidade, o que acabou não passando; pelo que entendi era algum detalhe do edital que deixei passar. Contudo, há mais ou menos dois anos, encaminhamos nosso modelo de projeto para nossos amigos de São Francisco e eles, com poucas alterações, conseguiram ser aprovados pela Lei Aldir Blanc, pois contrataram uma pessoa especializada em montar projetos culturais. Nesse exemplo, quero mostrar que os processos burocráticos, embora necessários, não estão adequados à realidade social e educacional da maioria da população e de muitos agentes culturais, especialmente do movimento Hip Hop. Entendo que deveria ocorrer uma desburocratização do processo e sobretudo um movimento por parte de agentes públicos de literalmente educar, ensinar como as pessoas podem acessar esses mecanismos.

"Giane Maria de Souza: Como é o processo de criação de uma letra de rap, que geralmente são longas e trabalham com uma batida rítmica diferenciada?"

A2: Isso depende de cada MC. No meu caso é bem diversificado; algumas letras vêm como um estalo, uma inspiração e que eu preciso o quanto antes passar para o papel. Em outros casos penso num tema, vou pesquisando, estudando-o, e aos poucos, com auxílio de bases de rap (instrumentais), vou construindo. Algumas de minhas letras escrevi em menos de uma hora, outras em dez, outras eu fiz e refiz num processo de mais de dois anos. Tenho um caderno cheio de composições e anotações e muitas delas nunca terminei.

Apesar do #históriaemrap, que exige muito referencial teórico para eu compor, minhas músicas são mais direcionadas às questões pessoais, internas, ao evangelho e principalmente à crítica a práticas distorcidas do Cristianismo e às formas como a religião é usada como instrumento de poder e dominação. Como inspiração, uso sobretudo minhas experiências pessoais, da história de conhecidos e de análises que temos da sociedade. Costumo dizer que é mais fácil fazer freestyle do que compor um rap, pois o improvisado, se eu erro a rima ou falo uma besteira, está tudo bem, faz parte do jogo, porém uma letra de rap é para ficar visceral e fala comigo cada vez que canto.

Sempre me dói, por exemplo, quando canto as músicas que escrevi junto com o Magoo e o mano Japa, pois era um processo de parceria, em geral escrevíamos juntos, na madrugada, e hoje só escrevo sozinho e é impossível não lembrar de tudo que vivemos e de todo sofrimento do Magoo.

A parte instrumental ajuda muito na inspiração, pois ela me leva à temática e estimula a criatividade. Muitas vezes componho com instrumentais prontos, outras vezes tenho amigos que tocam para mim, mas certas letras simplesmente surgem e depois buscamos a melodia e seu instrumental. A música, para mim, sempre foi uma forma de externalizar meus sentimentos, minhas frustrações e indignação com as injustiças, além de uma maneira de levar uma mensagem positiva e de esperança para aqueles que sofrem.

Figura 10 - Augusto Pereira Hille, A2



Fonte: Acervo privado

Giane Maria de Souza: O projeto História em Rap surgiu da sala de aula para a internet? Como foi esse processo?

A2: Ele surgiu para sala de aula, no entanto só cantar para os alunos e entregar a letra impressa para que eles cantassem, analisassem e fizessem exercícios não bastava. No início eu sempre pedia, na hora de cantar na sala, para eles gravarem no celular, porém o áudio e as imagens ficavam muito ruins. Então veio a necessidade de uma produção de áudio melhor, o que me levou ao estúdio para gravar algumas músicas, como Rap dos Incas, Revolução Francesa, Pré-História etc. Após gravar, vi que eu precisava compartilhar essas músicas com as crianças, e postar em plataforma digital possibilitou que eu divulgasse nas redes sociais e consequentemente ajudasse outros professores. Com o tempo, ficou claro que, além de som, os estudantes precisavam de imagens. Com as pesquisas que fiz com estudantes e professores durante minha pós-graduação, concluí que precisava da produção completa do audiovisual, o que me levou à criação do canal HusmanosTV. Ressalto também que disponibilizo para os educadores que me acionam o PDF da música, linhas do tempo, esquemas etc.

Figura 11 - Augusto Pereira Hille, A2 e seus amigos



Fonte: Acervo privado

O Arquivo Histórico de Joinville é de extrema importância para preservação de documentos pertinentes à história de Joinville e região. Ao permitir o acesso destes documentos pesquisadores e a sociedade civil em geral, esta instituição se torna essencial para a construção e difusão de uma memória local que colabora com a formação cidadã e com o “ser joinvilense”, bem como com a história de milhares de migrantes e imigrantes que aqui chegam.

MC A2

Figura 13 - Augusto Pereira Hille, A2



Fonte: acervo privado

Figura 12 - Augusto Pereira Hille, A2 e um trabalho em comunidade



Fonte: acervo privado

Giane Maria de Souza: Você gravou alguns vídeos na livraria O Sebo, em Joinville, com um público especial, seus alunos adolescentes, em que eles cantaram as letras com você. Como foi essa experiência?

A2: Olha, foi uma loucura só, um desafio tremendo! Desde o início o Rap da Pré-História foi o carro-chefe do projeto e o que até então teve mais alcance. Por isso me propus a escrever uma nova canção, gravar pelo menos uma música de meus estudantes e, lógico, regravar o Rap da Pré-História, mas agora com banda.

O Sebo de Joinville me apoiou muito e foi de extrema importância, pois eu estive por 6 meses lutando por um espaço e, assim que conversei com a Silvana, ela prontamente me atendeu e patrocinou nosso projeto. Até chegar o dia das gravações já tinham se passado dois anos de estudos (pós-graduação), composição do rap da vinda da Família Real para o Brasil com meu mano Rodrigo, aplicação do projeto na sala de aula (apliquei com a turma no 2.º ano do EM e gravamos quando eles estavam no 3.º ano do EM), ensaios com as turmas etc. Além disso, tudo que idealizei teve um custo financeiro, o que é muito justo, e por meio de parcerias consegui baixar bastante os custos.

No processo de produção estiveram o Espaço Som Instituto Musical, que produziu toda parte instrumental; Marcelo, da Underfilms Produções, na criação da logo, nas gravações de vídeo e edição de algumas imagens; Gabriel Estúdio na gravação, masterização e edição de áudio; meu ex-aluno Jorge Henríquez Chamorro na fotografia.

Entretanto eu não consegui me organizar para buscar verbas públicas, então contei com todo apoio logístico (contato com as famílias, autorizações e divulgação) do Colégio Oficina onde leciono, bem como com o patrocínio de algumas empresas parceiras. Mesmo assim o dinheiro arrecadado ainda era insuficiente. Para fechar as contas, fiz uma rifa envolvendo o sorteio e compra dos bonecos dos palitos sapiens (outro projeto meu e que vocês podem ver nas animações ao longo das músicas). Essas rifas foram vendidas por mim e por outros colegas professores na loja Brixton e na Loja da Bia. Mas a pandemia gerou outros problemas logísticos e tivemos muito trabalho para fechar todo o processo. Com isso fui lançando as músicas aos poucos no canal, e a paródia dos meninos só saiu exatamente um ano após as gravações. Apesar de toda a preocupação com as crianças e adolescentes, uma vez que estavam fora do ambiente escolar, ficando até tarde da noite, a parceria das famílias e o envolvimento de todos foram essenciais.

Giane Maria de Souza: Quais os temas históricos trabalhados nas suas letras e como você observa o acolhimento das suas canções pelos internautas e pelos seus alunos?

A2: Os temas são aqueles propostos nos conteúdos de sala, mas como escrever não é necessariamente fácil até o momento tenho gravado: Rap da Pré-História (três versões), Grécia Antiga, Incas - a Tragédia de Atahualpa, Revolução Francesa, Revoluções Inglesas, A Vinda da Família Real para o Brasil (1808), narração do Mito da Caverna e, como citei anteriormente, mais três músicas dos meus alunos. Possuo outras escritas, todavia ainda não toquei em frente. Na sala de aula, de vez em quando, costumo fazer revisões a partir de improvisos em que os estudantes fornecem palavras-chave e com isso faço uma revisão rimada. Desde o ano de 2022 eu tive que compor uma série de músicas de história do Brasil para um projeto mais amplo, mas ainda vou estabelecer as parcerias necessárias e tocar pelo menos mais cinco composições.

A acolhida dos internautas é muito boa, e esse projeto já era de certa forma um pedido das crianças desde que me tornei professor. No entanto o projeto ainda carece de mais divulgação. Por exemplo, ano passado a demanda de trabalho era tanta que só consegui tocar o projeto até o início de agosto. Entretanto, com o canal HusmanosTV, busquei alcançar ainda mais alunos e professores, fiz parcerias com outros professores youtubers, como Jenner Cristiano do Historiaçãohumanas, Adilson Moreira do canal Simplifica e Kennedy Belo Pamplona do projeto Desenhando a História. Também aproveitei essa mesma ferramenta para criar videoaulas, o que ajudou e muito na pandemia. Por causa do canal, o História em Rap está chegando a “novos estados”, como Bahia, Rondônia e Pará, com confirmação de professores que usaram das músicas com suas turmas.

Figura 13 - Augusto Pereira Hille, A2 e seus amigos



Fonte: acervo privado

Giane Maria de Souza: Como você avalia a ocupação do espaço virtual por professores de História para a produção do debate público em história e educação?

A2: Essa é uma preocupação minha, haja vista que, embora existam muitos professores que utilizam das redes sociais e de espaços virtuais para difundir o conhecimento, é óbvio que nenhum professor tem a obrigação de produzir esses materiais. Porém, em uma era de pós-verdade e depois de ver todo o contexto em que estamos vivendo, é ainda mais urgente essa necessidade. Se o professor não é produtor, ele deve pelo menos se aproveitar desses materiais com seus estudantes, apoiar ou até divulgar, pois o grande problema é que quem de fato tem educado os jovens é a internet, são as mídias digitais. Tanto jovens como adultos têm tirado suas opiniões, suas informações e “críticas” justamente de tais meios e, como não ocupamos esse espaço, deixamos livre para a propagação de fake news e de revisionismos históricos ideologicamente muito direcionados.

Esse revisionismo histórico cresceu e muito desde 2013, e certos canais pseudojornalísticos, ou outras mídias “paralelas” passaram a produzir aulas, reportagens, “documentários” e “filmes” que distorcem a história de uma forma absurda e que colaboraram para chegarmos ao momento social e político em que estamos, pois lançaram uma guerra cultural.

Desde que comecei na faculdade de História via quão grande era a cisma, a raiva e a crítica (em parte justa) feita por historiadores aos jornalistas que se lançam a escrever obras de história, a exemplo de Laurentino Gomes e Eduardo Bueno. Entretanto, ao ler essas obras e acompanhar especialmente o canal do YouTube do Bueno, apesar de certas ressalvas acadêmicas, não vejo grandes problemas historiográficos, pelo contrário, enxergo um tapa na cara dos historiadores. Digo isso porque a escrita dos historiadores é acadêmica, truncada, técnica, feita no máximo para “seus pares” e não cai no gosto do grande público, dado que não traz prazer na leitura. Em geral, boa parte das pessoas gosta de história especialmente de curiosidades, e esses jornalistas entenderam isso e, por terem uma formação de escrita voltada ao grande público, conseguem ter uma linguagem mais agradável. Na verdade, desculpe as palavras, mas os historiadores possuem certa inveja, pois não conseguem o mesmo alcance. São poucos os historiadores que conseguem chegar ao grande público e às mídias, como Karnal e Lília Schwarcz, e ainda assim de forma muito restrita. Os revisionistas (aqui não encaixo os jornalistas que citei) acharam a fórmula e, com seus jargões, gritos, memes, produções audiovisuais atrativas e tudo mais, conseguiram perverter a memória e cooptar mentes e corações ao extremismo.

Portanto, entendo que é dever dos professores de História, historiadores e profissionais das demais Ciências Humanas ocupar esses espaços. E antes de qualquer coisa precisamos popularizar, adaptar a linguagem acadêmica para o grande público. Meus projetos caminham nesse sentido e, aos poucos, vou desenvolvendo. Uma das propostas que quero iniciar é a produção de videoaulas sobre a historiografia local, pois pouca gente conhece a história catarinense e quando aprendi na escola era algo “muito chato”, pura repetição de nomes e datas e desprendida da história nacional. A historiografia local tem uma produção vasta e muito divertida, precisamos mostrar isso para as pessoas, e as mídias digitais e redes sociais devem ser apropriadas pelos especialistas.

Figura 14 - Augusto Pereira Hille, A2 e seus amigos



Fonte: acervo privado

Giane Maria de Souza: Como você avalia a cultura Hip Hop hoje no Brasil? Quais são os desafios e expectativas do movimento na atual conjuntura?

A2: A cultura Hip Hop está em um momento de aceitação muito grande. Como falei, ela já foi mais descriminalizada e chegou às grandes mídias. Atualmente, por exemplo, muitas pessoas conseguem sobreviver com o Hip Hop em Joinville; conheço gente da dança, do grafite, produtores, empresários etc. No geral ainda não é a realidade da maioria, como a minha, por exemplo. A grande verdade é que sempre investimos nosso tempo e dinheiro pelo amor ao Hip Hop.

O rap ainda permanece uma música de protesto e que toca especialmente nas periferias de todo o Brasil, adaptando sua musicalidade às características regionais e culturais, e somado aos elementos do Hip Hop continua promovendo mensagens e ações sociais nos lugares onde o Estado não alcança. Nós, do movimento, vamos aonde as pessoas não querem ir, como presídios, favelas, clínicas de recuperação, moradores de rua etc.

Entretanto, nos últimos 10 anos, o que fez muitos MCs crescerem foram as batalhas de rap, o que é muito bom, pois vários MCs de nome hoje vieram desse universo. Porém o risco disso tudo é a molecada se perder no hype. Muitos da nova geração não entenderam o lado político e social, a história do hip-hop e o poder que eles têm nas mãos quando estão com o microfone. A culpa não é da molecada, e sim nossa, geração do fim dos anos 90 e da primeira década de 2000, porque não conseguimos deixar firme essa mensagem. Apesar da visibilidade que o rap tem hoje, há um grande perigo em toda essa exposição e que gera vários debates e até mesmo brigas dentro do Hip Hop, existindo de certa forma um “conflito de gerações”. Isso tem de cair por terra, e os MCs e outros membros do movimento precisam entender a armadilha que o sistema nos colocou, pois jogou uns contra os outros. Ora, o sonho especialmente de todo MC é viver de suas rimas, é viajar e cantar por todo o Brasil e, quem sabe, fora dele. Muitos chegaram lá, o que é bom demais.

Entretanto o que a nova e a velha geração não compreenderam é que o rap e o Hip Hop só estão sendo aceitos hoje nas mídias porque o capitalismo, não conseguindo nos reprimir nos anos 80 e 90, compreendeu que, quanto mais éramos criminalizados, mais força tínhamos nas letras e mais denúncias nós carregávamos em cada verso. Sendo assim, decidiu-se capitalizar o rap, ou seja, o capitalismo transforma tudo em mercadoria e jogou alguns trocados para a periferia - o rap sempre atraiu a classe média e a alta sociedade, mas ele era agressivo aos ouvidos. Foi nesse sentido que as letras foram mudando de teor, não que seja errado falar de amor, festa, traição ou qualquer outro tema que muitas vezes os MCs criticam, porém não podemos vender nossos valores. Desde sua origem na Jamaica até a ida para os Estados Unidos, o rap sempre levou diversão, dança e já cantava essas letras. Um dos primeiros raps do Brasil foi Lagartixa na Parede! Todavia o capitalismo instalou um modus operandi que levou a molecada e os mais velhos a acreditarem que o alvo era o dinheiro, a fama, os carros, mulheres...

É tão sério que surgiu um tempo de rap ostentação, os MCs apareciam nos cliques com carrões, roupas de marca (tudo emprestado), com mulheres e drogas e, no fim das gravações, voltavam para suas casas sem estrutura na periferia. Esse tipo de música e clipe fez muita gente achar que o rap é uma ilha da fantasia e que era só cantar umas letras e chegavam lá. MCs passaram a expor mulheres a cantarem letras sem fundamento nenhum, e o rap tem em sua raiz falar a realidade.

Precisamos lembrar que ninguém é dono do rap e que ele pode falar de tudo, mas que não podemos corromper a cultura periférica de modo a nos tornarmos massa de manobra do capital, que sem perceber fez a gente acreditar que uma geração é melhor que a outra e que só terei visibilidade se ficar fazendo intrigas ou algo do tipo. As batalhas de break e de MC lá na sua origem, no Bronx, serviram para acabar com as brigas de gangues, ou seja, em vez brigar, bora batalhar na dança ou na rima; em vez de matar com tiro, se mata na poesia. O rap e o Hip Hop, como um todo, estão aí para salvar vidas, para denunciar as injustiças sociais, denunciar o racismo, lutar por igualdade, para levar conhecimento e unir a periferia. Se você percebe que está discutindo e brigando com outros membros da cultura, você está fazendo tudo menos cultura Hip Hop. Já diria a letra do APC 16, lançada lá nos anos 2000: “Meus inimigos estão no Poder”.

Figuras 15, 16 e 17 - Augusto Pereira Hille, A2



Fonte: acervo privado

Educação patrimonial



Desenho de Manuela da Escolinha de Artes Fritz Alt da Casa da Cultura

Educação patrimonial



Data: 03/04/2023
Período: matutino - 9h às 12h
Escola: Dom Pio de Freitas - 23 alunos
Professores. Emanuel , Solange e Marlon
Atendimento: Giane Maria de Souza, Thainá Tambosi e Soraia Silva (Casa da Cultura)

Data: 03/04/2023
Período: noturno - 19h às 21h
Escola Dom Pio de Freitas - 11 alunos
Professores. Emanuel Querino Maria e Juriti Aparecida Ventura
Atendimento: Giane Maria de Souza



Fonte: Giane Maria de Souza

Educação patrimonial

Data: 12/04/2023

Período: matutino 9h às 10h

Escola Estadual: João Rocha - 24 alunos

Professoras: Juliana Jacques e Jucimara da Silva

Atendimento: Giane Maria de Souza e

Fernanda Pirog Oçoski

Data: 12/04/2023

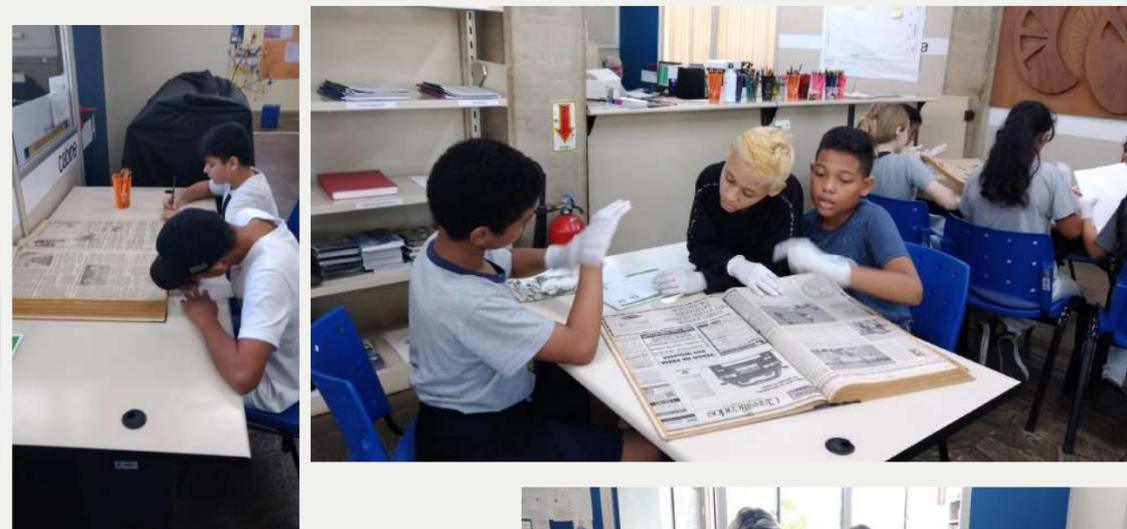
Período: matutino 10h às 11h

Escola Estadual: João Rocha - 19 alunos

Professor: Giovani Schmauch

Atendimento: Giane Maria de Souza

Fernanda Pirog Oçoski



Fonte: Giane Maria de Souza

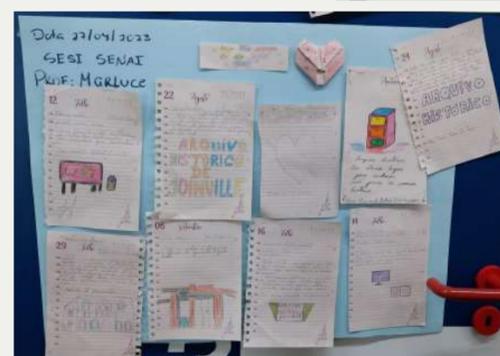
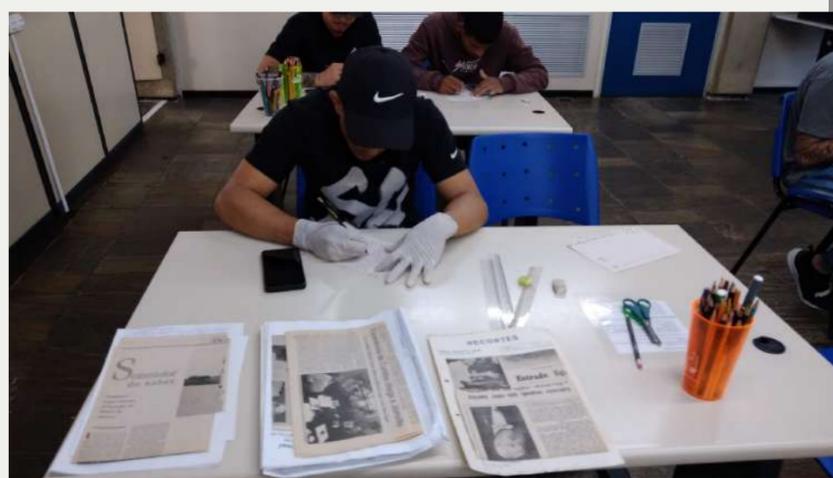
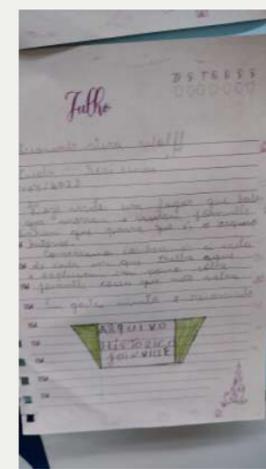
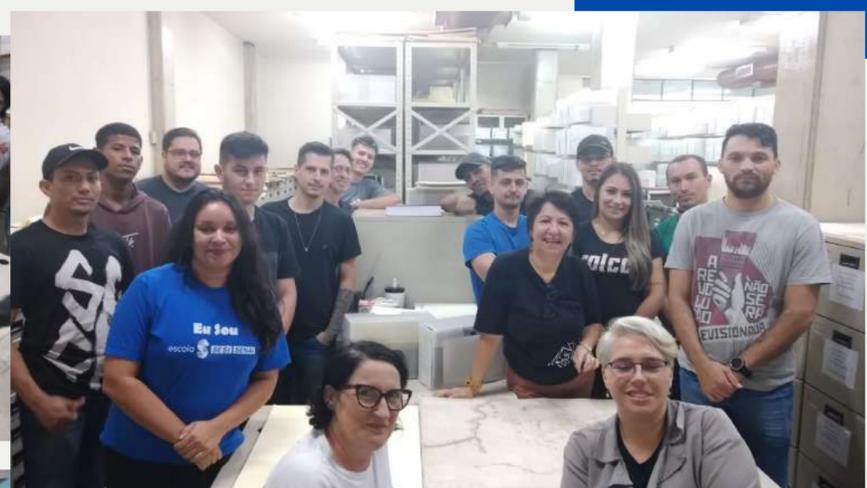


Educação patrimonial

Data: 27/04/2023
Escola: SESI - Educação de Jovens e Adultos (EJA)
12 alunos

Período: matutino 8h às 11:30
Professora: Marluce Martia Ribeiro

Atendimento: Giane Maria de Souza, Fernanda Pirog Oçoski e Dilney Cunha



Fonte: Giane Maria de Souza

Educação patrimonial

Data: 28/04/2023

Período: matutino 9h às 10h

Escola: Prof. João Veras - 22 alunos

Professoras: Kethlen Koh e Elaine Roche

Atendimento: Giane Maria de Souza e Fernanda Pirog Oçoski

Data: 28/04/2023

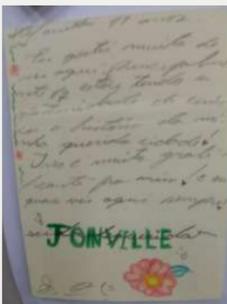
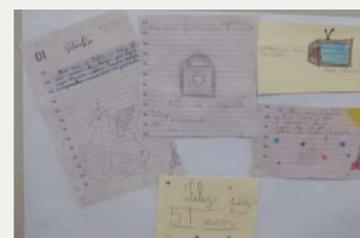
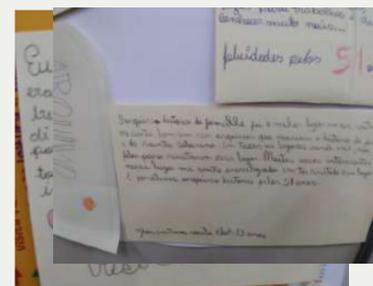
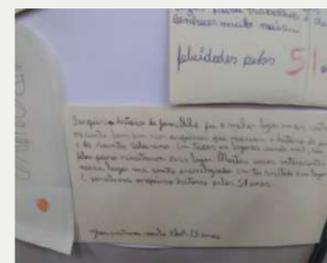
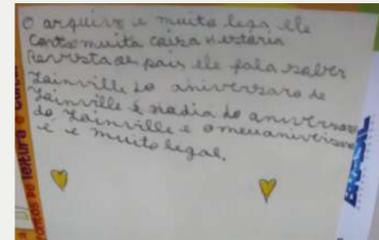
Período: Matutino 10 às 11h

Escola :Prof. João Veras - 20 alunos

Professoras: Kethlen Koh e Elaine Roche

Atendimento: Giane Maria de Souza e

Fernanda Pirog Oçoski



Fonte: Giane Maria de Souza

Educação patrimonial

Data: 03/05/2023

Período: vespertino 14h às 15h

Escola: Vereador Curt Monich - 20 alunos

Professoras: Ivo Luofler e Marisa Vicentin

Atendimento: Giane Maria de Souza

Data: 03/05/2023

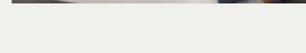
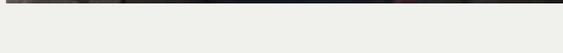
Período: vespertino 15h às 16h

Escola: Vereador Curt Monich - 20 alunos

Professora: Isabel Cristina Barroso

Boeing

Atendimento: Giane Maria de Souza

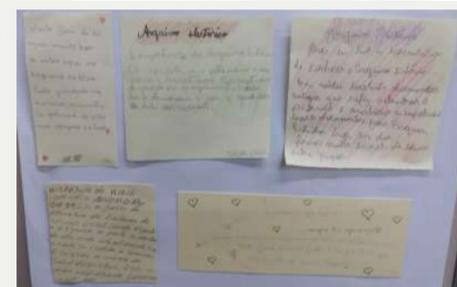


Fonte: Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial



Data: 04/05/2023
Período: matutino - 8h às 11:30
Escola: Centro de Educação de Jovens e Adultos - (CEJA) - 9 alunos
Professor: Gilmar Kormann
Atendimento: Giane Maria de Souza, Elisangela Silva e Fernanda Pirog Oçoski Soraia Silva (Casa da Cultura)



Fonte: Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial

Data: 15/05/2023

Período: matutino - 8h30 às 11h30

Escolinha de Artes Fritz Alt - Casa da Cultura - 11 alunos

Atendimento: Giane Maria de Souza

Professores Juliana George Bender e Luan Vinícius Cordeiro

Data: 15/05/2023

Período: vespertino - 14h às 17h

Escolinha de Artes Fritz Alt - Casa da Cultura - 17 alunos

Atendimento: Giane Maria de Souza

Professoras: Juliana George Bender, Leandra Schmidt e Juciara Nascimento



Fonte: Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial

Data: 17/05/2023

Período: matutino - 8h30 às 11h30

Escolinha de Artes Fritz Alt - Casa da Cultura - 7 alunos

Atendimento: Giane Maria de Souza

Professora: Juliana George Bender



Fonte: Giane Maria de Souza

Data: 17/05/2023

Período: vespertino - 14h às 17h

Escolinha de Artes Fritz Alt - Casa da Cultura - 8 alunos

Atendimento: Giane Maria de Souza

Professora: Juliana George Bender

Educação Patrimonial

Data: 18/05/2023

Período: matutino - 8h30 às 11h30

Escolinha de Artes Fritz Alt - Casa da Cultura - 5 alunos

Atendimento: Giane Maria de Souza

Professora: Juliana George Bender



Fonte: Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial

Data: 30/05/2023
Período: matutino - 8h30 às 11h30
Escolinha de Artes Fritz Alt - Casa da Cultura - 13 alunos
Atendimento: Giane Maria de Souza
Professores: Juliana George Bender e Robson Benta

Data: 30/05/2023
Período: vespertino - 14h às 17h
Escolinha de Artes Fritz Alt - Casa da Cultura - 12 alunos
Atendimento: Giane Maria de Souza
Professores: Juliana George Bender, Leandra Schmidt e Robson Benta



Fonte: Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial



Data: 01/06/2023
Período: vespertino - 16h às 18h
Escola: Mais Joinville Tupy - 12 alunos
Atendimento: Giane Maria de Souza e Leandro Brier Correia
Professoras: Bruna Carolina de Souza e Gláucia Bertoli

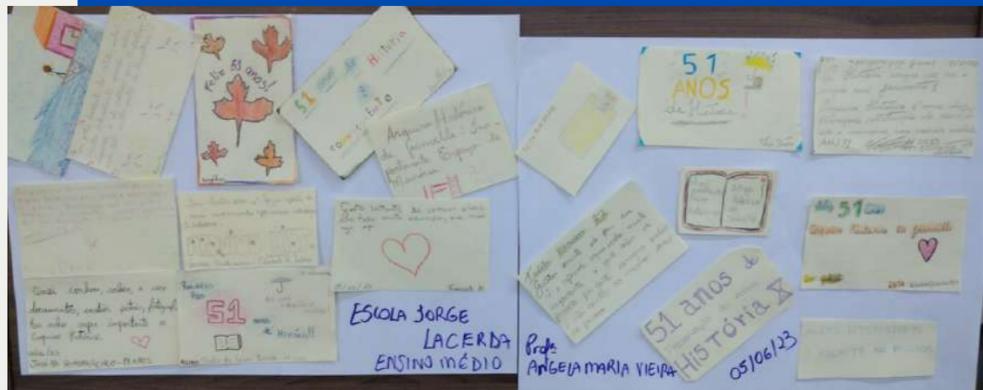


Fonte: Giane Maria de Souza



Educação Patrimonial

Data: 01/06/2023
Período: vespertino - 8h às 11h
Escola: Jorge Lacerda - 18 alunos
Atendimento: Giane Maria de Souza
Professora: Angela Maria Vieira



Fonte: Giane Maria de Souza



Educação Patrimonial

Data: 07/06/2023

Período: matutino - 9h às 10h30

Escola: Alire Carneiro de Loyola - 25 alunos

Atendimento: Giane Maria de Souza

Professoras: Lia Paula Porcher da Silva

Ana Claudia Ribeiro e

Roberta Regina Correa

Data: 07/06/2023

Período: matutino - 10h30 às 11h30

Escola: Alire Carneiro de Loyola - 25 alunos

Atendimento: Giane Maria de Souza

Professoras: Lia Paula Porcher da Silva e

Thaynara Alexandra Nardes de Oliveira



Educação Patrimonial



Data: 16/06/2023
Período: matutino - 8h às 11h
Escola: Giovani Pasqualini Faraco - 10 alunos
Atendimento: Giane Maria de Souza e Fernanda Pirog Oçoski
Professor: Diego Finder
Residentes: Gabriel de Oliveira Wanderse, Lucas Jair Petroski
Laura Dutra Gaio e Julia Vasconcelos



Fonte: Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial



Data: 16/06/2023
Período: vespertino - 14h às 15h
Escola: Aldeia do Sol
Atendimento: Giane Maria de Souza
Professores: Felipe Carlos de Oliveira Vieira e
Fernanda Custódio



Fonte: Giane Maria de Souza



Educação Patrimonial



Data: 20/06/2023
Período: vespertino - 13h30 às 15h
Organização: Instituto Priscila Zanetti - 15 alunos
Atendimento: Giane Maria de Souza
Assistente Social: Roseli Maria Albino de Souza



Fonte: Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial

Data: 23/06/2023

Período: vespertino - 14 às 15h30

Escola: Senac Curso de Assistente Administrativo - 27 alunos

Atendimento: Giane Maria de Souza

Professor: Sandro Daumiro da Silva



Fonte: Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial

Datas: 26, 28 e 29/06/2023

Período: matutino - 8h30 às 10h30

vespertino - 14h às 15h30

Escola: Bom Jesus - 27 alunos

Atendimento: Leandro Brier e Fernanda Pirog

Oçoski

Professoras: Daniela, Renata, Anne e Gislaneie



Fonte: Giane Maria de Souza

Teses e dissertações de pesquisadores do AHJ

Fábio Moreira

Nascido em 1990, Fábio Moreira é natural de Jaraguá do Sul, Santa Catarina. Graduou-se em Fotografia pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Em 2016 ingressou no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade pela mesma Universidade, realizando a defesa de sua dissertação em maio de 2021. Em sua atuação como fotógrafo, Fábio Moreira transita entre a fotografia de paisagem e o trabalho documental. Seu mais recente projeto, tema do seu mestrado, foi a documentação da pesca artesanal realizada pelos moradores da Ilha do Morro do Amaral, localizada às margens da Baía da Babitonga e pertencente ao município de Joinville. O que motiva seu trabalho como fotógrafo e como pesquisador é uma busca por conhecer melhor o lugar em que nasceu e em que vive - conhecer os lugares, a natureza, a cultura, a história, as tradições e a gente catarinense.



Fonte: Fábio Moreira

Teses e dissertações de pesquisadores do AHJ

Narrativas sobre a pesca artesanal na ilha do Morro do Amaral, Joinville, SC

Resumo

Essa dissertação tem como objetivo discutir e registrar as narrativas sobre os saberes e as práticas dos pescadores artesanais moradores da Ilha do Morro do Amaral, uma ilha localizada no município de Joinville/SC. A Ilha do Morro do Amaral é considerada, desde 2012, uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável - RDSIMA. Nesta pesquisa foram realizadas, além da pesquisa bibliográfica: a) pesquisa documental, b) entrevistas orais e c) ensaio fotográfico. Esta dissertação está organizada em três capítulos, os quais foram escritos em forma de artigo. O primeiro capítulo trata pesquisa bibliográfica e documental com o objetivo de compreender melhor a história da região. O segundo capítulo, realizado por meio do ensaio fotográfico e do relato da saída de campo com duas pescadoras do Morro do Amaral, é dedicado ao registro da prática da coleta de mariscos. No terceiro capítulo trazemos uma discussão sobre os desafios e os dilemas envolvidos na proteção do patrimônio natural e cultural na RDS da Ilha do Morro do Amaral, com especial atenção à pesca artesanal. A metodologia escolhida foi a história oral temática, realizada com 10 moradores da Ilha que trabalham com a pesca ou que convivem com pescadores. Destas entrevistas, 9 delas foram transcritas, ao todo foram recolhidas 16h de gravações, que renderam aproximadamente 600 páginas de transcrição. A análise do material permitiu uma melhor compreensão das motivações para a criação do Parque Municipal Ilha do Morro do Amaral - PMIMA em 1989 e sua recategorização para RDS em 2012; da relação dos moradores com a RDSIMA e as leis ambientais; a visão dos moradores sobre a diminuição do rendimento da pesca e sobre os projetos de construção de novos empreendimentos portuários na Baía Babitonga.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural, Patrimônio Natural, Populações Tradicionais, Pescadores Artesanais, Unidades de Conservação, Brasil, Santa Catarina, Joinville.

Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html/downloadDirect/2843974/Fabio_Moreira.pdf

Os artistas e o AHJ

Guilherme Heinzemann Benta



Outonal de 88, Guilherme Heinzemann Benta nasceu e foi criado em Joinville, cidade palco de seus contos e crônicas. Em suas linhas é possível notar influência da literatura russa, pela qual é apaixonado desde o início da sua adolescência. Sob o alterego de Oliver, devaneia sua própria existência enquanto digladiava entre morrer sozinho ou viver acompanhado.

A poesia nasce quando o homem morre

Quando a dor nasce e o sofrimento prevalece.

Escrever é libertador, espreme o câncer pra fora, permitindo o renascer

Por alguns momentos, pelo menos....

Às vezes, com apenas algumas linhas, meu coração se aquieta
Senta e relaxa

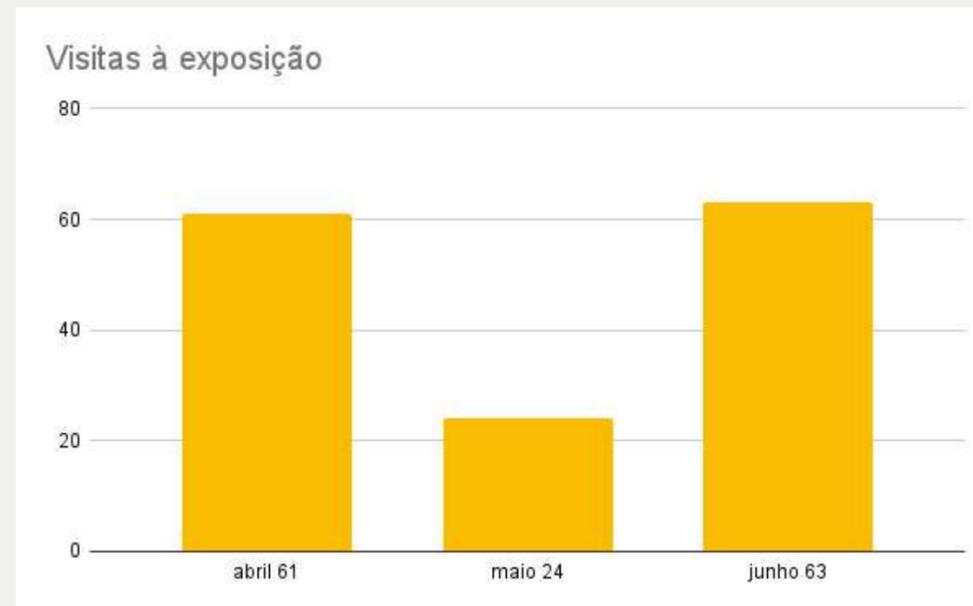
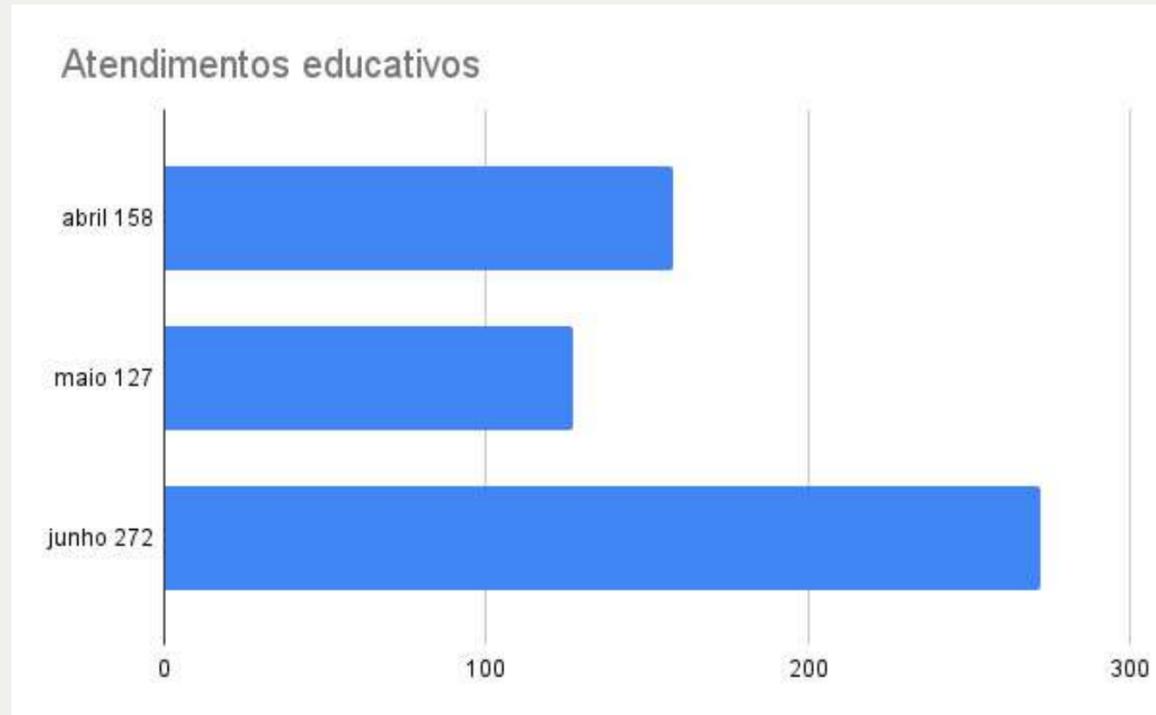
Repara em outras coisas, busca preocupações monetárias, logísticas, existenciais...

Assuntos pendentes em outras áreas onde não seja o principal atuante

O corpo humano é tão vasto em suas minúcias...

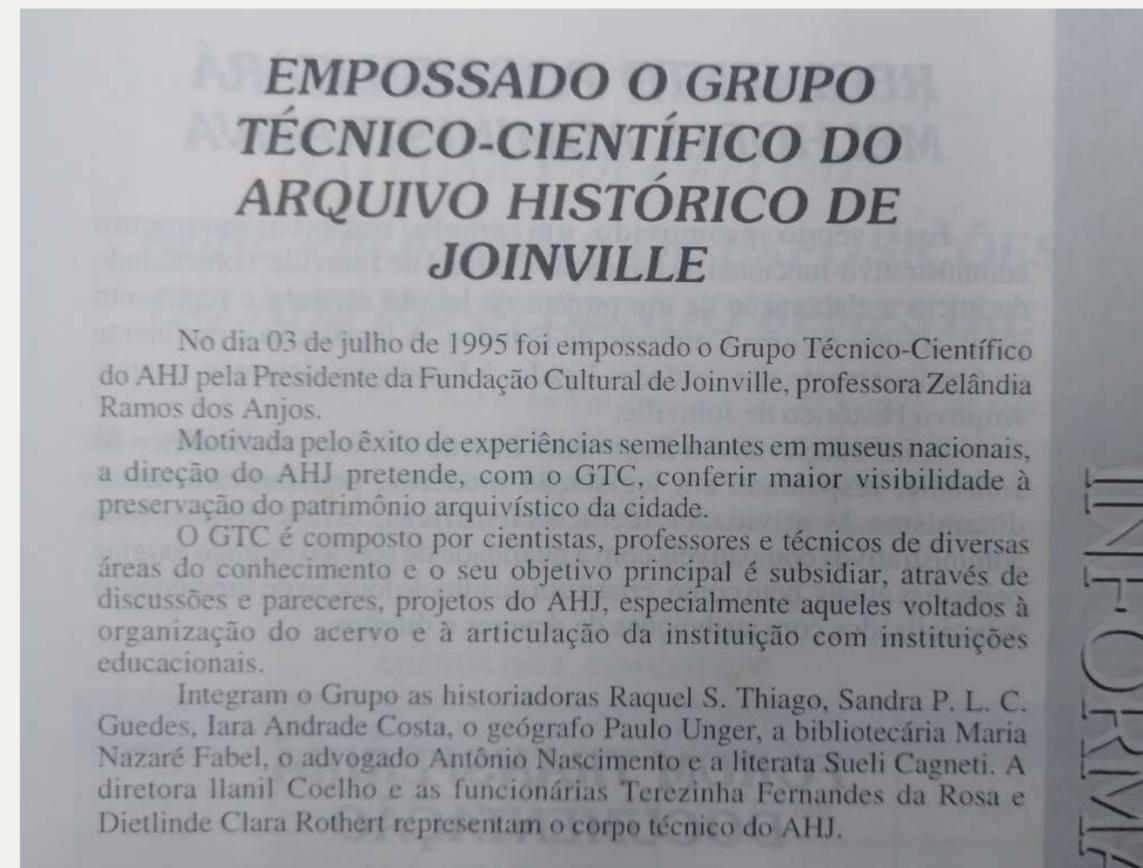
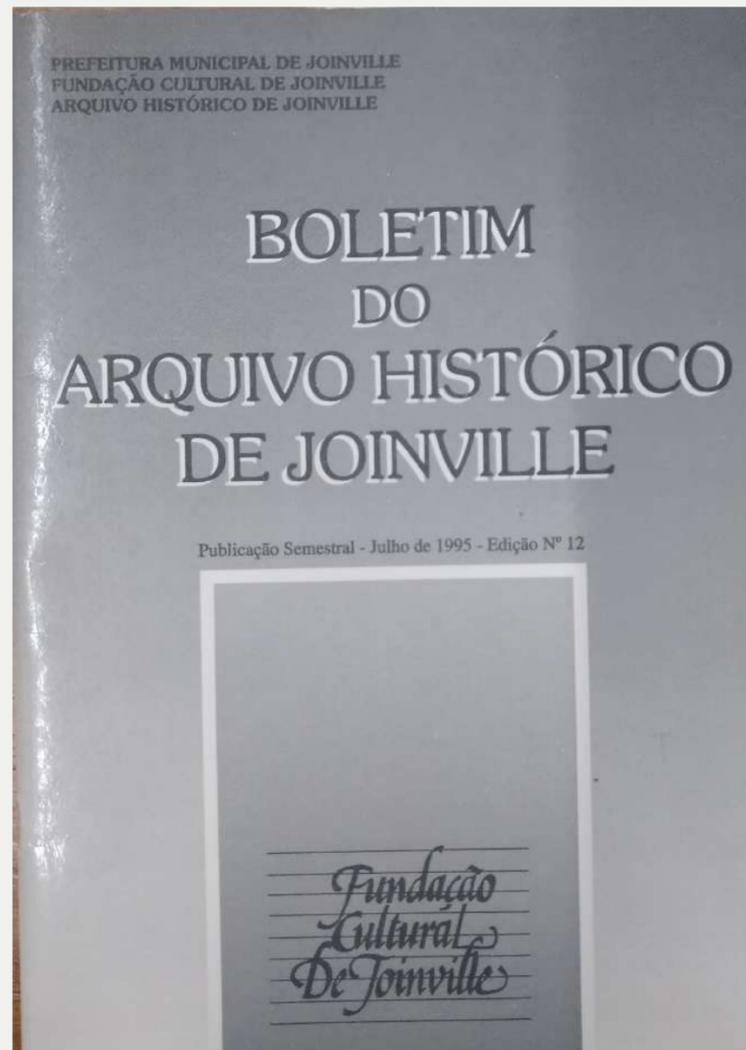
Há de existir mais o que fazer, mais pelo quê chorar.

Atendimentos no AHJ



Fonte: Giane Maria de Souza

Memória do Boletim



Para refletir!

Você sabe o que faz um grupo técnico-científico em um arquivo histórico?

Pesquise sobre e nos conte o que encontrou, publicaremos na próxima edição do Boletim.

Envie sua resposta para o e-mail giane.souza@joinville.sc.gov.br

Por dentro do Acervo



Álbum do Centenário de Joinville .
(SC). 1951. 1. p/b & color. 25,4 cm x
33,5 cm. Album fotográfico: 67 fotos,
5,5 cm & 17,4 cm x 23,3 cm.

Aconteceu na cidade



Questões para refletir:

Você já ouviu falar da Sorveteria Polar? Por que uma sorveteria deixou tantas lembranças na história da cidade? Será que existem outros lugares icônicos onde a juventude se encontra?

Expediente

Boletim do Arquivo Histórico de Joinville

Vol. XVII, n. 24, abr., maio., jun., 2022

ISSN 14133434

Prefeitura Municipal de Joinville

Adriano Bornschein Silva

Prefeito

Rejane Gambin

Vice-Prefeita

Secretaria de Cultura e Turismo

Guilherme Augusto Gassenferth

Secretário de Cultura e Turismo

Francine Olsen

Diretora Executiva

Roberta Meyer Miranda da Veiga

Gerente de Patrimônio e Museus



Prefeitura de
Joinville

**CULTURA E
TURISMO**

Arquivo Histórico de Joinville

Dilney Fermino Cunha

Coordenador

Corpo Funcional

Alessandro Moreira

Amauri de Oliveira Prado

Ana Rita Uliano da Silva

Arselle de Andrade da Fontoura

Dinorah Luisa de Melo Rocha Brüske

Ednilson Nilton Cestrem

Elisangela da Silva

Fernanda Pirog Oçoski

Francisco Severino dos Santos

Gerson Luiz Santana

Giane Maria de Souza

Janice Garcia

Leandro Brier Correia

Marinês de Souza Balin

Nelson Berndt

Nívea Giovanella Reinert

Rodrigo Boçoen

Thainá Camila Tambosi

Organização, coordenação, editoração e diagramação do Boletim

Giane Maria de Souza

Revisão do Boletim

Alessandro Moreira

Giane Maria de Souza

Nelson Berndt

Auxílio na revisão e editoração

Thainá Camila Tambosi

Endereço do AHJ

Av. Hermann A. Lepper, 650, Saguapu

CEP: 89221-005

Telefones: (47) 3422-2154 ou (47) 3422-2329

E-mail: arquivohistorico@joinville.sc.gov.br

Aceitamos críticas, sugestões e envio de propostas, matérias e artigos.

Participe!